

A força da educação

* 8 NOV 1993

ALBERTO OLIVA

JORNAL DA TARDE

Dia desses, surpreendeu-se um pacato vizinho destilando pessimismo em conversa matinal que se iniciara com os cumprimentos de praxe. Ditas as amenidades corriqueiras, começou desfiando um rosário de queixas contra nosso atual momento político-econômico. Depois, por necessidade de contraste afirmativo, deu-se ao trabalho de discorrer sobre países que conseguiram, apesar das dificuldades de outras épocas e até das devastações das guerras, emergir da obscuridade ou das cinzas e alcançar notáveis índices de desenvolvimento. Fez entusiásticas referências aos países recentemente industrializados, em especial aos Tigres Asiáticos, perguntando pateticamente por que nosso país se transformara num felino capaz apenas de emitir miados cada vez mais fracos.

Todos seus ácidos comentários, motivados por nosso cotidiano sufocante, me fizeram incontinenti lembrar da frase de abertura de Ana Karênina de Leon Tolstoi: "Todas as famílias felizes se parecem entre si; as infelizes cada uma à sua maneira". Mas seria justificável transplantar o percuciente **insight** de Tolstoi para o nível macroscópico da história dos povos? Se fosse legítimo fazer tal transposição, seríamos como que tentados a concluir que os países que têm dado certo conseguiram fincar, de maneira bastante parecida, no solo das recorrentes instabilidades políticas, instituições e padrões de in-

teração propiciadores de resultados materiais e simbólicos invejáveis. Apesar das manifestas diferenças em suas respectivas formações históricas, não seria descabido elencar algumas das principais características típicas ideais responsáveis pelo êxito de determinados países.

Não temos a veleidade de avançar um breve receituário da felicidade sem a pena da galhofa e com a tinta da euforia ou da melancolia; pode ser sempre desmoralizado pelo olhar corrosivo do Tempo. Mas não podemos nos furtar a encaminhar modesta

brir nosso lugar no tabuleiro da vida associativa e nos permite sonhar em introduzir novas práticas/técnicas no mundo da vida e do trabalho. O ensino deve-se encarregar de difundir o já sabido e a pesquisa deve lançar-se na aventura de idéias em busca do **desconhecido**. Só onde há ensino de alto nível pode a pesquisa dedicar-se à descoberta ou à invenção de novos caminhos práticos e teóricos. Assim entendida, a educação é o único processo que se vai mostrar capaz de aprimorar e revolucionar as práticas de trabalho já ado-

percebido como a mola propulsora dos saltos de desenvolvimento duradouros. Há a necessidade urgente de um grande mutirão pela educação que nos torne sequisos de aprender o já sabido mundo afora, proporcionando-nos assim as condições técnicas viabilizadoras da ousadia de tentar novas avenidas de conhecimento. Os componentes clássicos que impulsionaram o desenvolvimento são cada vez menos importantes. Estamos ingressando numa etapa da vida econômica em que a informação e o conhecimento cumprem a missão mais importante. Mantida na redoma do protecionismo acomodado, nossa economia não sentirá necessidade de fazer investimentos em pesquisas capazes de torná-la cada vez mais competitiva.

Se não erigirmos a educação, tanto na sua vocação iluminista quanto na técnica, no motor propulsor de nossa vida coletiva não seremos capazes de sair do atual atoleiro — permaneceremos personagens à procura de um autor. E os autores de enredos da ignorância são sempre demagogos de plantão que esposam uma ideologia salvacionista e desenvolvem uma pedagogia do fracasso paternalista.

O CONHECIMENTO DEVE SER PERCEBIDO COMO A MOLA PROPULSORA DOS SALTOS DE DESENVOLVIMENTO DURADOUROS

sugestão. Somos de opinião que a liberdade de empreendimento torna-se ainda mais fecunda quando associada a uma febricitante busca de conhecimento. Não se trata de proposta intelectualista que negligencia a importância das práticas que se repetem sem **conhecimento** de si mesmas. Mas quer o trabalho seja encarado como ritualização monocórdica do já sabido ou como busca de procedimentos inovadores envolve sempre a gerência de conhecimentos. Isto nos faz enfatizar que a vontade de conhecer, socialmente estimulada, é que nos faz desco-

tadas e capaz de vir a habilitar as pessoas atualmente marginalizadas a integrarem nosso ainda modesto sistema de trocas materiais e simbólicas.

Temos um sistema de ensino com falhas graves que não serão superadas apenas com a alocação maciça de recursos. Cumpre também fazer um **mea culpa** e reconhecer que, em muitos casos, os resultados alcançados estão aquém dos recursos aplicados. É imperioso que a idéia de educar (-se) se aposses dos corações e das mentes de todos nós brasileiros para que o conhecimento possa ser

O AUTOR
Alberto
Oliva é
professor
de Filosofia
da UFRJ

